



TOMO XXII

Nº. 9

Setembro de 1981

# BLUMENAU

em CADERNOS

## CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de :

Artur Fouquet - Blumenau  
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio  
Casa Flamingo Ltda.  
Casa de Móveis Rossmark S. A.  
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau  
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau  
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau  
Consulado Alemão - Blumenau  
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau  
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau  
Empresa Auto Viação Catarinense — Blumenau  
Fritz Kuehnrich - Blumenau  
Imobiliária «D L» Ltda.  
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau  
João Felix Hauer - Curitiba  
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda.-Itoupava Seca - Blumenau  
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau  
Madeireira Odebrecht Ltda. - Blumenau  
MAFISA - Malharia Blumenau S/A. - Blumenau  
MAJU - Indústria Têxtil Ltda. - Blumenau  
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau  
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau  
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau  
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau  
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau  
Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.

# BLUMENAU

## EM CADERNOS

TOMO XXII

Setembro de 1981

Nº 9

### SUMÁRIO

Página

VOCÊ SABIA? .....	258
BREVE ASPECTO DA ECONOMIA NAS COLÔNIAS, EM DIVERSAS FASES DA HISTÓRIA BRASILEIRA .....	260
NOSSOS CORAIS - ONTEM E HOJE (I) .....	262
SUBSÍDIOS HISTÓRICOS .....	265
ACONTECEU... Agosto de 1981 .....	267
HISTÓRIA ROMANCEADA DE BLUMENAU .....	270
REVELAÇÕES DO ARQUIVO HISTÓRICO DE BLUMENAU ..	279
OS PRIMEIROS ANOS DA "SANTA CASA" .....	280
A HISTÓRIA DE BLUMENAU REVELA: .....	281
FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU RECEBE VERBA .....	284
"COMUNIDADES PROTESTANTES ALEMÃES NO BRASIL" ..	285
MOVIMENTO NA BIBLIOTECA DR. FRITZ MUELLER .....	286
DOAÇÃO DE DOCUMENTOS E FOTOS HISTÓRICAS FEITA AO NOSSO ARQUIVO .....	287
CURIOSIDADES DE UMA ÉPOCA - VI .....	288

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

*Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina*  
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 200,00

Número avulso Cr\$ 20,00 -- Atrasado Cr\$ 30,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 200,00 mais o porte Cr\$ 150,00 total Cr\$ 350,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

# Você Sabia?...

Frederico Kilian

... que o velho Barracão de Imigratnes, pertencente ao Estado foi vendido à Associação São José, pelo preço de R\$ 1:220\$000 (um cento e duzentos e vinte mil réis)?

... que a pedra fundamental da "Casa São José" foi lançada, com a presença do Bispo da Diocese de Curitiba, Dom Duarte Leopoldo e Silva no dia 8 de dezembro de 1905 e inaugurada no dia 1º de novembro de 1906..?

... que a primeira visita de um governador do Estado de Santa Catarina, à cidade de Ibirama (antiga Hammonia) deu-se em 7 e 8 de junho de 1906, quando o Governador Pereira e Oliveira, viajando de carro, de Blumenau até aquela cidade ali chegou com grande e luzida comitiva?

... que a Estação Telefônica de Ibirama, construída sob a supervisão do Inspetor Zittlow, que a terminou em tempo recorde, foi inaugurada a 21 de abril de 1906?

... que a igreja católica de Hammonia (hoje Ibirama) foi inaugurada em 10 de outubro de 1909 com a bênção do padre Modesto Hoettges, de Rodeio, tendo o Frei Estanislaw Schaette proferido uma ligeira prática em português e o Padre Modesto em alemão?

... que esta igreja foi dedicada a São Humberto, patrono dos caçadores?

... que no Museu Arquidiocesano Dom Joaquim, em Azambuja estão expostos à visitação pública, entre outros objetos uma pedra de granito com ..... 1.500.000.000 anos  
um pinheiro petrificado com ..... 210.000.000 anos  
um sáurio fóssil com ..... 180.000.000 anos  
um peixe fóssil com ..... 90.000.000 anos  
um esqueleto de índio com ..... 2.500 anos  
uma estatueta cartaginesa com ..... 2.200 anos  
uma moeda romana com ..... 1.920 anos?

... que a primeira audição do hino do Estado de Santa Catarina, verificou-se na capital do Estado, então Desterro, a 4 de fevereiro de 1890 e que a música do hino é do compositor José Brasilício de Souza e a letra do sr. Horácio Nunes Feres, poeta e dramaturgo?

... que as Armas e a Bandeira do Estado de Santa Catarina, foram instituídos pela lei n.º 136 de 15 de agosto de 1895, sancionada pelo então governador Hercílio Luz e que as Armas foram desenhadas pelo depois Almirante Henrique Boiteux e a Bandeira pelo seu irmão, depois desembargador José Arthur Boiteux?

---

... que no ano de 1863 havia na Colônia: 3 olarias de telhas e tijolos; 2 fábricas de louça de barro; 3 fábricas de cerveja; 2 fábricas de vinagre; 6 fábricas de charutos; 2 padarias; 4 engenhos de serrar; 4 moinhos movidos a água; 55 engenhos de açúcar com cilindros de madeira e 3 com cilindros de ferro; 59 alambiques; e 53 engenhos de farinha?

---

... que a primeira visita de uma oficialidade de navios da Marinha de Guerra do Brasil a Blumenau deu-se a 25 de março de 1909, quando os comandantes e vários oficiais dos cruzadores "República" e "Tiradentes", ancorados no porto de Itajaí, chefiados pelo Capitão de Fragata Castelo Branco, subiram no vapor "Progresso" a Blumenau?

---

... que em 29 de abril de 1909, Blumenau foi transformada em sede de uma guarnição militar com a chegada do 55.º Batalhão de Caçadores que era composto de 125 homens, entre soldados e graduados, 30 músicos e 18 oficiais, sob o comando do Tenente Coronel Crispim Ferreira?

---

... que trinta anos depois, isto é, em 11 de abril de 1939, Blumenau tornou-se novamente e de forma definitiva, sede de uma guarnição militar, desta vez com a chegada do 32.º Batalhão de Caçadores, sob o comando do então major Nilo Guerreiro Lima?

---

... que a segunda Sociedade de Cantores de Blumenau, a "Freundschafts-Verein" (Sociedade da Amizade) foi fundada em 1.º de outubro de 1867 pelo professor Julio Scheidemantel que também era o seu dirigente?

---

... que o primeiro advogado blumenauense foi o Dr. Guilherme Abry que bacharelou-se em dezembro de 1909, com a idade de 23 anos, tendo sido seus companheiros de turma, entre outros, o Dr. Nereu Ramos, Dr. Leopoldo Diniz Junior, o Dr. Alfredo Luz e o Dr. Alfredo von Trompowsky?

---

... que em fins de fevereiro de 1912 Blumenau assistiu a uma greve original, quando os boleeiros dos carros de mola, negando-se a pagar a licença policial, que lhes era exigida, declararam-se em greve, que durou por mais de 15 dias, nos quais a cidade ficou completamente sem os seus carros-de-mola, que àquela época eram muitos?

---

(Excertos do Tomo X de "Blumenau em Cadernos")

# Breve aspecto da economia nas Colônias, em diversas fases da história brasileira

Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart.

A falta de dinheiro abalou a economia no Primeiro Reinado (1822-1831), que já estava ressentida com o comércio desequilibrado importando demais e exportando pouco por preços irrisórios; mais ainda com a ausência de apóio necessário ao incremento de estabelecimentos industriais.

No período das regências (1831-1840) a situação não mudou muito. As exportações continuaram e o Nordeste produziu açúcar, algodão, fumo — produtos que sofriam a concorrência de outros países igualmente produtores.

Nessa época, o extremo-sul sofria as consequências da Revolução Farroupilha, pois a produção de couros e peles fora afetada pela colocação de produtos similares no comércio exterior.

Em Santa Catarina a economia caminhava lenta e um pouco prejudicada pela dita revolução. A colonização havia sido iniciada (1829: Mafra), com o governo brasileiro pouco podendo ajudar os colonos e eles, sem muito recursos, quase nada podendo fazer. Desenvolviam apenas uma agricultura de subsistência.

As colônias instaladas produziam inicialmente batata e centeio — principais alimentos dos alemães. Aos poucos, vencendo as dificuldades naturais que o novo meio lhes impunha, conseguiram vencer.

Com a maioria de Dom Pedro (1840) até a República (1889), a economia teve um bom desenvolvimento, notadamente nas colônias Blumenau, Dona Francisca (Joinville) e Itajahy (Brusque), com a instalação de indústrias têxteis, serrarias, cortumes, moinhos, artefatos de couro, pequenas indústrias de laticínios. Além do mate ter se firmado como bebida entre os alemães, que trocavam sua tradicional cerveja por ele. Embora não fosse cultura explorada pelos imigrantes europeus, a extração do mate na região do planalto, onde o pinheiro predominava, foi elemento de fixação de populações.

A erva-mate sendo um produto alimentício, teria seu aproveitamento largamente difundido e seu uso influenciou na economia de então.

Na República Velha (1830) o mate já era produzido em escala comercial e sua exportação aumentava consideravelmente. Em fins de 1906, o sociólogo e padre, Leão João Dehon visitava o sul do Brasil. Deixou impressões de viagem (1) quando de sua passagem pela estrada de Joinville a São Bento do Sul:

“( . . . ) Encontramos inúmeras carroças, tipo gaulês, com cinco cavalos, carregados de mate. Esta exportação dura cinco meses por ano. É isso que constrói a estrada. ( . . . )

Tenho pena dos carroceiros do mate que enchem as estradas. Sua vida é penosa. Conduzem suas carroças em grupo, e à noite pa-

ram num campo. Informaram-me que ganham 25 mil réis, cerca de 33 francos, por semana e pela viatura. É pouco para um homem e cinco cavalos”.

Um pouco antes da República, por volta de 1887, a então vila de São Francisco ressentia-se do movimento abolicionista, com graves consequências na lavoura, resultante da falta de mão-de-obra de negros, a qual estavam acostumados.

Foi um período de estagnação econômica para os lugares que dependiam do escravo, com a quase paralização da lavoura.

Cerca de dez anos antes, a cultura do fumo propagava-se devido ao consumo de charutos na Europa. Santa Catarina, um estado produtor (ou uma Província produtora), comercializava bastante.

No Relatório sobre a Colônia Blumenau em 1877, seu diretor escrevia (2). “Tendo o ano ocorrido menos mal e com boas colheitas, preços remunerativos e prompta venda e extração dos productos, a lavoura tomou notável incremento e continua neste satisfatório ascendente. As culturas de canna e mandioca se alargam, bem que não na proporção desejável e talvez praticável; é que faltam engenhos centraes, bem que de proporções modestas e adequadas às circunstâncias locais, que elaborem os alludidos productos e ainda as raízes de araruta, mas não existem os fundos para creal-os sem auxilio externo”.

Aliás, Giovanni Rossi escreveria nos cinquenta anos de Blumenau (3), em 1900: “Entre as culturas anuais, destaca-se o plantio do fumo (tabaco), que neste ano forneceu para a exportação cerca de 200.000 kg de folhas, pagas em média a 10\$000 a arroba. O solo rico de humus e de potassa, o clima quente e úmido e chuvoso permitem obter folhas muito grandes e finas e combustíveis, próprias para a fabricação de charutos”.

E como agrônomo, Rossi advertia no seu artigo: “certamente que o aperfeiçoamento ao qual está sujeito este ramo agrícola, poderá desencadear para o futuro uma produção de alto nível comercial” — parece até prenunciando o futuro no setor, ocorrido em Blumenau com a instalação de indústrias que beneficiam o fumo.

A região de colonização italiana sofreu influência da cultura do trigo, milho e uva. Explica-se: eram habituados a comerem pão, polenta e a tomarem vinho. O jeito foi cultivar o que lhes desse gosto e satisfação. Os italianos também iniciaram pequenos negócios de serrarias, carpintarias e salsicharia, colocando seus produtos nas vizinhanças e nas próprias colônias.

Foi um italiano, João Mondini, que introduziu o cultivo do arroz no município de Acurra. Por volta de 1883, o colono realizou experiência, semeando arroz em terra enxuta e posteriormente em terreno irrigado, conseguindo bons resultados com a cultura do arroz, hoje largamente difundida naquela região.

Alguns italianos, contudo, careciam de maior sorte. Em dezembro de 1879, cerca de cinquenta deles — residentes no distrito de Riachuelo, levaram suas assinaturas num documento encaminhado ao dr. Blumenau (4) pedindo um aumento de salário, pois suas plantações

havia sido destruídas pelas geadas e chuvas. Expedindo um telegrama ao Presidente da Província, o diretor da Colônia mandava dizer que os lombardos estavam com salários atrasados e necessitavam muito do dinheiro.

Não fosse o grave inconveniente: a constante falta de dinheiro para socorrer aos imigrantes recém-instalados nas colônias, e os prejuízos causados pelas intempéries ocorridas teriam sido facilmente amenizados.

O quê, talvez, provocaria menos dor-de-cabeça nos administradores das colônias e proporcionaria mais lucros para a economia local.

- (1) **Mil léguas pela América do Sul. Capítulo 24 e seguintes. 1906**  
**Padre Leão João Dehon, in Circular S.C.J. da Província Brasileira Meridional. Nº 19, jan. 1981 — São Paulo.**
- (2) **Relatório sobre o ano de 1877 da Colônia Blumenau.**  
**Capítulo 12: Lavoura e indústria rural. Pelo seu diretor Dr. Hermann Blumenau, conforme cópia existente na Fundação Casa Dr. Blumenau.**
- (3) **in. Blumenau em Cadernos, nºs. 11/12. Nov. dez. 1977 - Blumenau.**
- (4) **Conforme documentos originais existentes na Fundação Casa Dr. Blumenau.**

---

## Nossos c r a i s - o n t e m e h o j e (!)

Elly Herkenhoff

O dia primeiro de maio representa, um marco na história sócio-cultural de nossa Cidade, como data de fundação do primeiro coral, pioneiro das muitas agremiações de canto surgidas ao longo dos anos, dos decênios, na Joinville de nossos avós.

Tão certa, porém, como a fundação oficial da primeira sociedade de canto, sob o nome de "Gesangverein Helvetia" (Sociedade de Canto Helvécia), na tranqüila e longínqua noite de maio de 1856, tão certa é a existência de corais, espontânea e inoficialmente formados, desde o momento em que os primeiros imigrantes, da primeira leva procedente de Hamburgo, pisaram o solo encharcado desta colônia Dona Francisca, a 9 de março de 1851.

A canção, tradicionalíssima, faz parte da vivência de vários povos europeus, em particular do alemão. O "Lied" acompanha o seu dia-a-dia, do berço à sepultura, expressando toda a infinita escala de sentimentos humanos, desde o mais sublime ao corriqueiro e trivial, abrangendo todas as formas de atitudes e manifestações do homem diante das múltiplas contingências da vida.

A canção popular — o "Volkslied" — não apenas fala da ternura do primeiro amor e do desabrochar da primavera, não somente nos ensina a alegria de viver e o respeito às obras do Criador, mas também exalta a nobreza de caráter, a virtude do trabalho, o heroísmo do soldado cumpridor do seu dever. Inúmeras são as cantigas infantis,

as canções de amor, os hinos à natureza inúmeras as melodias entoadas em ocasiões festivas das mais diversas ou em cerimônias fúnebres ou no momento de despedida da terra natal.

Deste modo, não há nenhum exagero em afirmar que — a rigor — os primeiros corais joinvillenses se constituíram três meses antes da fundação oficial de Joinville. Nasceram a bordo do navio Colon, ancorado e retido no porto de Hamburgo, na Alemanha, desde o dia 10 de dezembro de 1850, com seus 125 passageiros à espera de ventos menos tempestuosos, para iniciar a travessia do Atlântico. Diversos foram, sem dúvida, os cânticos de Natal entoados a duas ou três vezes pelos emigrantes ali reunidos em torno da modesta árvore, comemorando o último Natal na Europa. Absortos muitos deles, talvez em pensamento na aldeia natal, junto aos pais, aos irmãos, aos amigos que lá ficaram — os olhos das mulheres marejados de lágrimas, o coração cheio de angústia e esperança, de fé e desespero, de curiosidade e resignação...

E poucos dias depois, no início de janeiro de 1851, quantas não teriam sido as canções de despedida entoadas pelos emigrantes comprimidos no convés, à hora da largada, enquanto o barco ia deslizando pelo Rio Elba abaixo, rumo ao mar! Interrompidas muitas vezes por soluços mal reprimidos, reforçados, aqui e ali, por masculinas um tanto rouquenhãs, embargadas pela emoção — muitas foram as canções desde a tradicional "Nun ade, du mein lieb' Heimatland, lieb' Heimatland, ade..." (Adeus, pois minha terra natal, querida terra natal, adeus...), até o popularíssimo "Lied" com texto no saboroso dialeto do antigo ducado alemão da Suábia: "Muss i denn, muss i denn zum Städtele naus, Staedtele naus und du, mein Schatz, bleibst hier..." (Tenho de partir, tenho de partir, da cidadezinha, da cidadezinha e tu, meu bem, aqui ficarás...)

É de se crer que, de fato, já durante a viagem tenha surgido o projeto da oficialização de um coral, logo após a chegada ao Brasil. No entanto, decorreram cinco anos até a fundação da "Helvetia", a quarta agremiação constituída em Joinville, depois da "Kultur vereim" (Sociedade de Cultura), "Schützenverein zu Joinville" (Sociedade de Atiradores de Joinville), e da Loja Maçônica "Deutsche Freundschaft" (Amizade Alemã), todas surgidas em 1855.

De um modo geral, a realidade aqui encontrada pouco tinha de imagem existente na idéia dos imigrantes das primeiras levadas. Perplexos, eles se defrontavam, logo ao desembarcar, com a paisagem desoladora de um vasto lodaçal e uma clareira aberta no meio da floresta virgem, alguns poucos ranchos, algumas poucas plantações. Dificuldades tremendas, jamais imaginadas, o medo constante de ataques indígenas, epidemias graves, ceifando a vida de numerosos pais de família e mães ainda no vigor dos anos — tudo isso era a realidade brutal para os imigrantes aqui desembarcados nos primórdios da colonização.

Assim se explica o fato de, somente em 1856, se ter concretizado a fundação do primeiro coral de Joinville e, conforme se deduz pelo

nome de "Helvetia", foram suíços quase todos os seus fundadores, cujos nomes são os seguintes:

Albrecht Schmalz, Franz Müller, Franz Müller Jr., Isaak Müller, Jakob Baumer, Jakob Fischer, Jakob Sauerbeck, Konrad Baumer e Konrad Fischer, Jakob Richlin.

A modesta agremiação foi progredindo, sob a regência de Franz Müller, apesar das muitas dificuldades, entre as quais a distância enorme que muitos dos cantores tinham a percorrer, em noites escuras, chuvosas muitas vezes, através de picadas estreitas, escorregadias, para chegarem ao local da reunião. Foram-se juntando companheiros alemães, cada vez em maior número, o que acabou gerando divergências em torno da denominação "Helvetia", considerada inadequada a uma sociedade de canto, ainda mais composta, como era, de cantores alemães e suíços. Proposta a alteração do nome, foi rejeitada pelos suíços, tendo esta atitude o inevitável como consequência: os sócios alemães se retiraram do local, na noite de 12 de dezembro de 1858, para fundarem uma nova associação, a "Sängerbund" (Liga de Cantores) — e estava oficializado o segundo coral, o segundo dos nossos corais mais representativos e de mais longa presença em Joinville, de participação marcante em grandes momentos de nossa vida social e cultural, ao lado de outras agremiações de canto, mais tarde constituídas, ao lado das associações de música, de ginástica, de teatro amador — com elas promovendo diversões sadias, educando o gosto da juventude, cultivando a proverbial sociabilidade joinvillense, de geração em geração, durante mais de oitenta anos de nossa história.

Os nomes dos "dissidentes" fundadores da "Sädgerbund" são os seguintes:

E. Schiebler, Heinrich Wilde, J. W. Ganzenmüller e Johann Heirich Auler, aos quais se juntaram, nos dias subseqüentes, os cidadãos Heinrich Fissner, Christian Blumberg, L. Lechte, D. Weise e Friedrich Rauchbach — sendo estes, portanto, considerados fundadores da associação.

O ressentimento entre os componentes das duas sociedades — se é que realmente houve algum ressentimento — logo se desfez, pois já em abril de 1859 a "Sängerbund" aceitava "com muito prazer" o convite para a festa de fundação da "Helvetia" realizada em maio daquele ano, e a 20 de junho os dois corais participavam de uma apresentação da sociedade Kulturverein", com vários números e uma canção em conjunto.

De resto, o tempo se encarregaria de nivelar, neste nosso maravilhoso "melting-pot", quaisquer diferenças por ventura existentes sobretudo no que se refere aos vários dialetos alemães, trazidos pelos imigrantes alemães, austríacos e suíços, originando o que se poderia chamar de "joinvillenser Deutsch" (Alemão joinvillense), ou, em sentido bem mais amplo, se convencionou chamar de "Brasildeutsch" (Alemão do Brasil).

Durante bastante tempo, o coral da "Sängerbund" foi regido pelo dr. Wigand Engelke, um dos mais eminentes e humanitários mé-

dicos das primeiras décadas de colonização de Joinville. E, segundo reza a tradição, o médico regente demonstrava uma “paciência angelical” durante os ensaios, jamais perdendo a paciência com os componentes do coral, constrangidos, talvez um ou outro, diante do maestro médico, por todos venerado.

(Continua on próximo número)

## *Subsídios Históricos*

**Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff**

Excertos do “Kolonie-Zeitung” (Jornal da Colônia), publicado na colônia Dona Francisca, a partir de 20 de dezembro de 1862.

### **Notícia de 24 de abril de 1869:**

Colônia Dona Francisca. — **Câmara Municipal.** O Governo Imperial indeferiu o pedido de ajuda, encaminhado pela nossa Câmara Municipal, por motivo das recentes inundações, alegando o seguinte: O auxílio solicitado não se destinaria à população desabrigada e necessitada, e nem tampouco, serviria ao pagamento de despesas com o salvamento de pessoas em perigo, durante as enchentes dos rios Cubatão e Pirai, mas ao contrário, seria destinado ao conserto de caminhos e pontes e para indenização dos prejuízos causados na lavoura.

### **Notícia do mesmo dia:**

Colônia Dona Francisca. — **A fécula de Araruta de Dona Francisca** encontra na Alemanha cada vez mais aceitação e procura, graças aos esforços dos senhores Becker & Franck, de Hamburgo. Em uma revista vienense, “Die Neuesten Erfindungen” (As Mais Recentes Invenções) de 19 de maio de 1868, encontra-se assinado pelo Sr. Dr. Th. Wimmel, o seguinte artigo:

“O produto até aqui oferecido no mercado sob o nome de Polvilho de Araruta do Rio ou do Brasil” muitas vezes também apresentado e comprado sob o nome de “Goma de Maranta”, era a goma de “manihot utilissima” e “Manihot Aipi”. Recentemente foi importado do Brasil Meridional, mais precisamente da colônia Dona Francisca, o legítimo polvilho de araruta, portanto a goma de maranta. Alguns agricultores da colônia Dona Francisca experimentaram com sucesso o cultivo da “Maranta Arundinácea”, planta não nativa do Brasil.

Os srs. Becker & Franck, em Hamburgo, que receberam uma remessa deste polvilho de araruta, ofereceram-me amostras que reconheço serem de absoluta pureza. Deste modo este produto brasileiro, não sendo de preço superior, em breve fará concorrência ao polvilho de araruta das Índias Ocidentais, das Bermudas e de São Vicente. Quero aqui frisar que os produtos usados por Mialhe, Albers e outros, para diferenciar os tipos de polvilhos (cálcio e ácido clorídrico), não se aplicam ao polvilho de maranta e que a identificação das diversas espécies

de polvilhos lançados no mercado, sob a denominação de polvilhos de araruta ou "Anylum marantae" só é possível por meio de exame microscópico".

#### Notícia de 12 de junho de 1869:

Desterro. — O Presidente da Província em seu último relatório destaca a importância dos trabalhos científicos empreendidos em benefício da Província, pelo nosso sábio patricio, Dr. Müller. O mesmo foi encarregado de reunir a coleção de sementes de todas as plantas nativas da Província e de enviá-la ao Governo. O Dr. Müller já por duas vezes se desincumbiu desta tarefa, isto é, a 9 de junho e a 10 de dezembro do ano passado e a sua exposição anexo ao relatório do Presidente, sobre as plantas cultivadas em nossa Província, é interessantíssima. O Dr. Müller atualmente reside na margem do Itajaí. Durante a Assembléia Provincial, foi apresentada a proposição de oferecer ao Dr. Müller residência na colônia Angelina, incumbindo-o, ao mesmo tempo, da direção da referida colônia.



### EDITH GAERTNER

No dia 15 de setembro comemorou-se o aniversário da morte de Edith Gaertner, filha de Victor Gaertner e Rose Sametzki Gaertner e sobrinha-neta do Dr. Blumenau.

Antes de falecer, em 1967, Edith doou o terreno e prédios para a "Casa Dr. Blumenau" inclusive o horto florestal que leva seu nome.

Como atriz, durante 20 anos frequentou cursos e escolas de arte cênica em Dresden, na Alemanha. Sua mãe foi uma das grandes entusiastas do teatro em Blumenau.

A Fundação Casa Dr. Blumenau, como faz anualmente, depositou uma coroa de flores no túmulo de Edith Gaertner, no Cemitério Evangélico.

— DIA 2 — Na aprazível sede do C.C.T. Fortaleza, na qualidade de anfitrião, realizou-se o Torneio de Tiro do X Encontro Blumenauense de Atiradores, com a participação de 23 clubes competindo. Sagrou-se campeã a equipe do Clube de Caça e Tiro Testa Salto, tendo alcançado a segunda classificação a equipe da S.D. Vasto Verde.

— DIA 4 — Instalou-se no Teatro Carlos Gomes o Oitavo Seminário de Avaliação e Perspectiva do Turismo de Blumenau.

— DIA 5 — Inaugurou-se, na Galeria Municipal de Artes, o Projeto Arco Iris, apresentando a coletiva de gravuras de artistas plásticos como: Iris Braga, Helena de la Fontaine, Vania de Paula, Antonio Lucena, Vera Reitmann, Helena Ferraz, Gianguido Bonfanti, José Paixão, Nisete Sampaio, Rise Van Leugen e Mauricio Araes.

— DIA 6 — No Teatro Carlos Gomes realizou-se o concerto da Série Jovem pelo Duo de Flauta e Piano, a cargo de Clarissa Coelho Pereira e Elisa Voigt.

— DIA 8 — Chegou a Blumenau o prefeito de Valparaíso, Chile, sr. Francisco Bortolussi Johnson, em viagem ao sul do Brasil. O visitante foi hóspede do prefeito Renato Vianna, tendo permanecido em Blumenau dois dias.

— DIA 8 — Foi instalada a Câmara Junior do Garcia, em solenidade realizada que contou com a presença do vice-presidente Junior internacionl, tendo como seu primeiro presidente o sr. Gilberto Paulo da Silva.

— DIA 8 — Foi entregue, pela Cia. Têxtil Karsten, em Testa Salto, ao C.D.R. Juventus, pertencente aos funcionários daquela empresa e da Fiovale, o Ginásio de Esportes, obra construída com recursos daquela empresa.

— DIA 12 — Faleceu aos 81 anos de idade o engenheiro Gil Fausto de Souza, figura muito estimada e relacionada na sociedade blumenauense.

— DIA 13 — Entrou em funcionamento no Centro Social da Velha, inaugurado pelo prefeito Renato Vianna, o Ambulatório médico para prestação de serviços à população daquele bairro e mantido pela Prefeitura, através da Secretaria Municipal de Saúde e Bem Estar Social.

— DIA 14 — O Prefeito Renato de Mello Vianna inaugurou os

serviços do Ambulatório Médico localizado junto ao Centro de Ensino Profissional da rua da Glória e destinado a atender gratuitamente à população daquele bairro diariamente. Com este somam-se 21 os ambulatórios existentes no município, disseminados pelos diversos bairros e subúrbios.

---

— DIA 15 — Uma bela festa foi realizada pelo C.C. Tiro Fortaleza, em homenagem aos associados que completaram 25 anos de participação ativa no tiro ao alvo e denominada de Festa dos Jubilandos. À noite, houve baile com entrega de medalhas, tudo animado pelo conjunto musical "Os Cardinali".

---

— DIA 16 — No Ginásio Sebastião Cruz, realizou-se o grande espetáculo de apresentação de 22 ginastas laureados nas Olimpíadas de Moscou, perante numerosíssima assistência.

---

— DIA 17 — O prefeito Renato Vianna recebeu neste dia o relatório da Secretaria de Saúde e Bem Estar Social, destacando-se, entre as atividades do mês de julho, a atuação do Serviço de Medicina Social que atendeu 13.085 doentes; foram distribuídos 14.888 medicamentos; os centros infantis em nr. de 12, atenderam 521 crianças, sendo 327 de maternal e 194 de berçário. Foram distribuídos 54.520 refeições a crianças carentes. O Serviço de Odontologia sanitária atendeu 1.350 pessoas. No trabalho de aplicação de fluor, estavam sendo submetidas 9.972 crianças.

---

— DIA 18 — Instalou-se, às 19h30min. no auditório do Colégio Santo Antônio, a V Semana de Estudos Criminais — (JSC-19/8).

---

— DIA 20 — Instalou-se no Auditório da ACIB, o Curso Sobre Tratamento de Águas nas Indústrias Têxteis, promovido pela AEMA, em conjunto com a ACIB. O curso foi ministrado por técnicos da COTESB — Cia. Estadual de Tecnologia e Saneamento Básico, de São Paulo.

---

— DIA 20 — Instalou-se, às 20 horas, em Blumenau, a IV Jornada Catarinense de Pneumologia e Tisiologia, tendo por local o Centro de Convenções do Teatro Carlos Gomes, cuja instalação foi aberta com uma palestra sobre "Fumo e Saúde", pelo professor Mário Rigatto, da Universidade Federal do R. G. do Sul.

---

— DIA 20 — O prefeito Renato Vianna nomeou os membros do Conselho Municipal de Cultura, que ficou assim constituído: Frei Odorico Durieux, Enéas Athanazio, Lindolf Bell, Vilson do Nascimento, Roberto Diniz Saut, Guido Heuer, Maria Beatriz Niemeyer, Edith Kormann, Neide Coelho Pereira, Carlos Goffergé, Lauro Eduardo Bac-

ca, Bráulio Schloegel, Clotar Schroeter, Alceu Natal Longo, Nestor Seara Heusi, Suely Maria Vanzuita Petry e Oldemar Olsen.

---

— DIA 21 — Iniciou-se, neste dia, a Semana da Criança Excepcional, com grandes festividades realizadas sábado e domingo na sede da APAE local, o mesmo acontecendo com as entidades congêneres de outros municípios catarinenses.

---

— DIA 22 — Faleceu, em Florianópolis, vitimado por colapso cardíaco, o sr. Aldrovino Moreira Castanho, que durante muitos anos gerenciou a filial Prosdócimo em Blumenau e que na ocasião era gerente regional da mesma firma em Santa Catarina.

---

— DIA 22 — Tendo como local a sede do Centro Cultural 25 de Julho, foi aberto solenemente o VII Festival Internacional de Cantores, com a participação de numerosas delegações, inclusive do Paraguai, Uruguai e Argentina, além de diversos Estados do Sul do País.

---

— DIA 26 — O sr. Florêncio João Borba, empregado da CELESC de Blumenau, foi eleito, por uma comissão especial, Operário Padrão de Blumenau.

---

— DIA 26 — Neste dia foi criado o Banco de Olhos em Blumenau, em solenidade ocorrida na ACIB, quando foi nomeado o Supremo Conselho, composto por numerosas figuras representativas de Blumenau (JSC-29/8)

---

— DIA 28 — Na Casa da Amizade, integrada por senhoras dos rotarianos de Blumenau, realizou-se uma reunião que contou com a presença da quase totalidade das participantes, ocasião em que o jornalista José Gonçalves, diretor desta revista, fez palestra em torno da vida e da obra do Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, fundador da cidade. A palestra teve a duração de 35 minutos.

---

— DIA 28 — Estreou no Teatro de Bolso, da rua Itajai, a peça "Santa Albertina", de Ivo Hadlich, cujo desempenho artístico esteve a cargo do Grupo Teatral Ribalta.

---

—\*—

— DIA 28 — O Bela Vista Country Club comemorou a passagem dos seus 10 anos de fundação, com um grande baile social e um show denominado "Noite de Buenos Aires".

---

—\*—

— DIA 28 — No Teatro Carlos Gomes, foi aberta a exposição de pintura do aplaudido artista Erico da Silva.

# HISTÓRIA ROMANCEADA DE BLUMENAU E DO SEU FUNDADOR

Nemésio Heusi

(Continuação do nº anterior)

## VI

O Major Agostinho Alves Ramos, filho de um abastado comerciante português, atacadista de cereais, ferragens e fazendas, foi criado entre sacos de feijão, arroz, milho, farinha de mandioca, sal, enfim, no enorme armazém que ficava na frente do grande casarão de alvenaria, no começo da rua do Ouvidor, perto do cais da baía de Guanabara, na Corte. Por isso, não teve muito tempo para melhores estudos. Aprendeu tudo que precisava para poder continuar os negócios do seu pai. E, futuramente, substituiu-o.

Assim, com a morte do seu pai, em 1811, herdando excelente fortuna, deixou os negócios do pai com os irmãos mais velhos e seus tios. Fretou uma sumaca e repleta de cereais, fazendas e ferramentas, com seus filhos, escravos e um padre, rumou para a Província de Santa Catarina, em 1812. Escolheu a Vila do Santíssimo Sacramento para se fixar.

Durante muitos anos, fez de tudo na vila, e a sua maior glória como político, foi quando, em 1845, o Imperador Dom Pedro II e D. Tereza Christina, visitaram a província. No Desterro, na presença do Presidente da Província, nobres e ministros da Corte, ele já então coronel e comandante do 7º Batalhão da Guarda Nacional, foi agraciado com a comenda da Ordem de Cristo, no grau de Cavaleiro, pelos assinalados serviços prestados à causa do engrandecimento material, moral e intelectual da Província, especialmente a zona banhada pelo rio Itajaí. E entre 1850 e 51, voltou ao Desterro e na Assembléia Provincial, defendeu os interesses da sua região.

Não era homem de grande instrução, mas, bem vivido, para a época, tinha cultura suficiente para bem se conduzir como líder da política do distrito de Itajaí.

Seu pai, português, adorava Camões e tinha um bonito quadro de Debret, cópia fiel da pintura feita em Goa, em 1581, do imortal poeta.

Mostrava-o sempre aos seus doze filhos e lhes dizia que Camões era o vulto máximo da cultura portuguesa e, no seu entender, o maior de todos os poetas do mundo. Recitava-lhes, de memória, trechos dos Lusíadas, sempre durante o jantar do dia de Natal, entre manjares e vinhos apetitosos, durante anos e anos. Referindo-se a perda do olho de Camões, comovido, lhes dizia: — “Meus filhos queridos! Camões perdeu o seu olho direito numa luta gloriosa contra os mouros de Mazagão!

Todos os anos, Alves Ramos ouvia a mesma ladainha de seu pai. Sabia, portanto, o que era um poeta e um grande guerreiro. Porém, nunca o que era um sábio. Quando, pois, o Dr. Blumenau se referiu, entusiasmado, sobre Fritz Mueller, sem lhe descrever o físico, mas apenas o espírito e a alma do sábio, ele associou o sábio aos nobres e cortesãos da Corte. Aqueles mesmos que por ocasião da visita de Dom Pedro II à Província, assistiram à entrega da sua comenda. Com as suas cabeleiras postiças e bonitos fardões.

Ele, no seu entender de homem simples, bom e justo, achava que um homem tão extraordinário como o Dr. Blumenau, o descrevera, só podia pertencer à classe dos nobres.

Quando, porém, conheceu Augusto e soube ser ele o irmão do Dr. Fritz Mueller, teve uma decepção, porque — pensou — um sábio não era bem o que a sua imaginação criara. E assim resolveu esperar a chegada de Fritz Mueller, para acabar de vez com as dúvidas e incertezas.

Augusto regressara a São Francisco e ninguém sabia quando voltaria com o irmão e seus familiares. Diariamente, Ângelo estava atento às canoas que chegavam de Navegantes ou se a "bandeira" estava içada do lado de lá.

No dia 20 de agosto, mais ou menos duas semanas depois da partida de Augusto, adentra a barra a sumaca "Babitonga", um pouco maior do que um barco de pescador comum. Desceu as velas e, suavemente, atracou no trapiche do Major Agostinho. Foi Ângelo quem amarrou os cabos jogados pela sumaca, no trapiche.

Perto do leme, Augusto, ao lado de Fritz Mueller, abanava para Ângelo e o Major Agostinho, sorria e apontava para o irmão, mostrando-lhes que era ele, Fritz Mueller.

A figura do sábio era simples e modesta, com a sua barba grande e bigodes. Os dois, no trapiche, se entreolhavam, admirados e perplexos, e Ângelo sussurrou para o Major:

— Cumpadre, o home não é nada do que o cumpadre pensava. Parece mais com o Nosso Senhor Jesus Cristo, cumpadre!

E foi assim, sob esta forte impressão, que Fritz Mueller e família desembarcaram em Itajaí, recebidos carinhosamente pelo Major Agostinho. E foram hospedados fidalgamente pelo Major em sua casa.

No dia seguinte, no lanchão de fundo chato, especialmente preparado, com cobertura, cadeiras e camas, eles seguiram para a Colônia do Dr. Blumenau, conduzidos por Ângelo e mais alguns remadores. E ao amanhecer do dia 22 de agosto de 1852, Fritz Mueller chegava à Colônia.

## VII

Na Colônia, enquanto o Dr. Blumenau aguardava a chegada de Fritz Mueller, tudo corria normalmente. E a demarcação de lotes de terras para os colonos prosseguia animadamente.

Na véspera da chegada dos Mueller, haviam chegado numero-

sos imigrantes, o que deu motivo a que o Dr. Blumenau tratasse, imediatamente, de repartir os primeiros lotes de terras, todos às margens do ribeirão Garcia.

No dia 22 de agosto, com a chegada de Fritz Mueller e seus familiares, o Dr. Blumenau, depois de festiva recepção e abraçar, como-vindo, o seu velho e ilustre amigo, já então célebre, pelos estudos e vários trabalhos científicos que publicara, o Dr. Blumenau não pôde esconder a sua satisfação e o seu entusiasmo, em receber, em sua Colônia, tão ilustre hóspede.

Fritz Mueller, por sua vez, estava empolgado e se extasiava face à magestade da natureza de todo o Vale do Itajaí-grande.

A Colônia contava então com vinte ranchos de madeira, cobertos de palha, uns na embocadura do Garcia, outros nos lotes que estavam sendo demarcados, rio acima.

Fritz comprou logo um lote e seu irmão também. E puseram, imediatamente, mãos à obra.

As mãos do sábio, até ali afeitas à pena e ao lápis de desenhista emérito, que era, tiveram que manejar o machado, a foice e a enxada.

Em 24 de agosto, oficialmente, o Dr. Fritz Mueller e seu irmão assinaram a escritura e tomaram posse dos lotes, isto é, de duas "colônias", pelas quais pagaram módicos preços especiais, por se tratar de um "colono" muito especial.

Em 28 de agosto, realizou-se o leilão das "terras de distribuição gratuita", isto é, a venda de mais 10 lotes de terras, que abrangiam, em média, 181 jeiras. Cada jeira, uma junta de bois lavrava em um dia.

A fim de facilitar aos compradores a atividade inicial, o Dr. Blumenau lhes exigia apenas uma espécie de "taxa de reconhecimento", além de estabelecer suaves prestações.

Cada lote era avaliado em 10 mil réis. O lance não podia ser inferior a 500 réis. As despesas cobradas para a medição, desmatamento e estampilhas importavam em 7.660 réis, por lote.

Apresentaram-se, como compradores, apenas os colonos que haviam chegado em 21 de agosto, com os irmãos Mueller.

Nenhum, dos que haviam imigrado anteriormente, participou desse leilão.

O Dr. Blumenau passou então a considerar o dia 28 de agosto de 1852, como o da fundação da Colônia. E expondo as suas razões a Fritz Mueller, este aprovou plenamente. E comemoraram aquele dia com um jantar melhorado e o bom vinho que Reinhold trouxera da Alemanha. O Dr. Blumenau aproveitou a ocasião para apresentar e falar de Ângelo Dias ao seu amigo.

Para o Dr. Blumenau, a empresa particular, iniciada em 1848 e que só em 2 de setembro de 1850 recebia, vindos da Alemanha, os primeiros 17 imigrantes, era, de fato, o começo da sua grande empreitada!

De mais a mais, desses 17 primeiros colonos, apenas uma família: Wilhelm Friedenreich, veterinário, sua mulher, Mina, e suas duas

filhinhas menores, o seu sobrinho Reinhold e um rapaz solteiro, lhe permaneceram fiéis. Os demais, por motivos vários, aos poucos, debandaram.

Quando o Dr. Blumenau acabou de expor ao seu amigo, já a noite ia avançada e todos se recolheram. Somente Ângelo, Augusto e Reinhold, ficaram para terminar a garrafa de vinho que ainda estava pela metade.

## VIII

Até que os irmãos Mueller terminassem a construção de suas casas, ficaram hospedados na casa do Dr. Blumenau. E na última noite, os dois amigos aproveitaram para conversar até alta madrugada. E Fritz Mueller, perguntou curioso:

— Blumenau, você é de 1819 e eu de 1822. Portanto, sou mais novo três anos. Estamos em 1852 e você, com 33 anos, ainda está solteiro

— Há dois anos atrás, quando estive na Alemanha pela última vez, apaixonei-me por uma jovem e me casaria com ela. Seu pai, porém, achou que casar e vir morar no Brasil, um país selvagem, não era para a sua filhinha tão bem criada e educada. Desistir então de casar, por ora, é claro, por isso que pretendo fazê-lo, sem dúvida, quando a minha Colônia tomar um rumo mais estável e seguro.

— Pois eu vivi alguns anos com a minha Carolina Töllner. E foi motivo de muitas brigas com os meus pais, ortodoxos e extremamente religiosos. É como você sabe, esse severo pastor protestante que sempre foi papai.

— Fritz, você sempre teve umas idéias políticas meio avançadas para a época e para a tua família, não foi.

— Lendo Engels e Marx, tornei-me um socialista, aliás, um confuso socialista. Moco ainda, empolgado pelas reformas sociais de então, Engels é de 1820, Marx de 1818, éramos, praticamente, da mesma idade, e compunhamos uma mocidade que procurava revolucionar a própria sociedade conservadora da época, com idéias socialistas que empolgavam a Europa. Embora metido sempre com os meus estudos, inclusive a medicina, que fui obrigado a estudar por imposição de meus pais — que eram conservadores e religiosos, entremados — acabei entrando em conflitos permanentes com eles e abandonei-os. Minha mãe já havia falecido e cheguei mesmo a pensar em deixar tudo, renegar a minha pátria e ir para bem longe de tudo e de todos. Mas acabei indo para Rolofshagen, na Pomerânia, uma pequena cidade e terminei como professor.

Socialmente, tornei-me um rebelde. Pensei até em ir para a Índia, África, para bem longe. Porém, Carolina ficou grávida e eu resolvi casar-me e legalizar a nossa situação, porque meu filho teria de nascer de um casamento legal, a fim de que mais tarde não houvesse qualquer trauma emocional e, conseqüentemente, social.

Logo depois, pensei em ir para o Chile. Você, na Alemanha, em 1850, se não me falha a memória, convenceu-me em vir para o Bra-

sil. E aqui estou, na sua Colônia, para viver como qualquer colono, em contato com essa natureza que tanto amo.

— Que tanto amamos, não é, Fritz?

— É verdade. Você também é um apaixonado pela natureza. Aliás, ontem ainda, quando terminávamos as nossas casas, Augusto e eu comentamos como é delicioso e agradável pegar num machado, derrubar a palmeira, tirar-lhe o palmito, rachá-la, fazer as ripas para as divisões e os troncos para as paredes de nossas casas, que foram construídas, totalmente, de palmeiras, inclusive as suas folhas para a cobertura. É extraordinário, Blumenau, que as nossas mãos tudo tivessem feito. É uma imensa satisfação íntima, e hoje à noite vamos para as nossas casas por nós construídas. Confesso-te, Blumenau, que nunca pensei que tal pudesse acontecer em minha vida!

— Eu me sinto feliz, Fritz que essa alegria que ora sentes, tenha acontecido na minha Colônia!

Fritz Mueller e sua mulher Carolina com a filhinha ao colo, Augusto e sua mulher, lamparinas nas mãos, despediram-se do Dr. Blumenau, agradeceram a hospedagem e, felizes, realizados, foram morar em suas novas casas. Foscas, simples — é verdade — porém, cheias de calor humano, por isso que construídas, peça por peça, com o suor de seus rostos, com o esforço de seus braços.

Era o sábio-colono que chegava à Colônia do Dr. Blumenau. Que vinha trazer as luzes do seu saber, a força da sua vontade e do seu trabalho à Colônia que emergia sob os mais promissores auspícios.

Era o grande e ilustre colaborador e amigo do Dr. Blumenau, que se integrava, de corpo e alma, à sua grande obra!

## A PRIMEIRA GRANDE ENCHENTE

### — I —

O ano de 1852 parecia terminar bem, não fora a primeira incursão de reconhecimento dos índios, contra a Colônia, no dia 28 de dezembro. Felizmente, porém, os colonos, seguindo instruções do Dr. Blumenau, no sentido de não reagirem nem molestá-los, evitaram a luta. E tudo terminou bem. Apenas alguns pequenos prejuízos materiais.

No decorrer do ano de 1853, a vida na Colônia prosseguiu normalmente. Novos imigrantes chegavam, novas construções se erguiam e todos trabalhavam em ritmo normal e tranqüilo.

No dia 16 de julho daquele ano, o Dr. Blumenau recebeu uma notícia que muito o abalou. Vítima de um ataque de apoplexia, falecera às 5 horas da tarde daquele dia, assistido pelo medico belga Dr. Pedro Pleting, o seu velho e querido amigo, desde as primeiras horas, Agostinho Alves Ramos.

Em poucos meses, porém, tudo voltava à normalidade no distrito de Itajaí, sob o comando de Júnior, o filho mais velho do Major Agostinho. Este, apesar de ter galgado o posto de Coronel da Guarda Nacional, continuou sendo chamado por todos de Major Agostinho.

Até o difícil ano de 1855, a Colônia sofreu outros ataques de índios mais graves e, notadamente, de animais ferozes, destacando-se o de uma onça pintada, que causou sérios prejuízos, devorando galinhas, cachorros e porcos.

Por iniciativa de Fritz Mueller, os colonos se uniram para dar caça ao perigoso felino, que tanto mal lhes estava causando.

— O porco que ela matou e não conseguiu levar, disse Fritz Mueller, na reunião dos colonos —, nós vamos amarrar numa árvore e ficar de atalaia, a fim de ver se podemos dar cabo à fera.

Após longas horas de espera e de já haverem alguns colonos desistido eis que ela, sorratamente, aparece. Houve afobação e quase todos atiraram ao mesmo tempo, assustando a onça, que, embora ferida, se embrenhou na mata.

Todos foram ao seu encalço. Mas apenas lhes foi dado ver um longo rasto de sangue. Se morreu, ninguém pôde dizer. Todavia, o objetivo almejado foi atingido, pois ela nunca mais voltou.

Por causa dos índios, animais ferozes e picadas de cobras, muito especialmente da terrível jararaca, houve muitas perdas de gado vacum e eqüino e também de algumas vidas humanas.

Mas o pior desse ano fatídico de 1855, ocorreu no começo do mês de novembro. Ângelo Dias, numa de suas viagens à Colônia, comunicou ao Dr. Blumenau que um ex-colono, seu e grande amigo, fora atacado por índios e estava passando muito mal.

— Dr. Blumeanu, o seu amigo Paulo Kellner, foi atacado por bugres e está muito mal. É capaz de não escapar...

— Mas, como se deu o ataque? Na Vila?

— Não, na casa dele, na embocadura do Itajaí-mirim, no dia 9 deste mês. Os índios atacaram só ele. Na mulher e nos filhos, nem tocaram.

— Quando você volta para Itajaí, Ângelo?

— Amanhã cedinho.

— Eu vou com você, visitá-los.

— Olha, Dr. Blumenau, o seu Fritz é que tem razão, quando diz: "Não adianta, o que tem que acontecê, acontecê mesmo, não adianta apelá pra Deus coisa nenhuma".

Quando o Dr. Blumenau chegou, o seu amigo passava bastante mal. Esperou alguns dias para ver se melhorava. No dia 17 de novembro tinha combinado com Ângelo regressar a Colônia. E naquele dia, quando Ângelo chegou, estava se formando, vindo do mar, um grande temporal. E Ângelo falou:

— É bom, Dr. Blumenau, a gente esperá pra vê o que dá este temporal que tá se armando pro lado do mar.

— Você acha que devemos aguardar?

— É bom! É bom, porque a coisa tá ficando muito negra pro lado de lá.

Não demorou muito e desabou um fortíssimo temporal, com ventos violentos, soprando para a terra, rumo à Serra do Mar. A chuva caía em borbotões e raios corlavam os céus, em todas as direções.

O Dr. Blumenau olhou para o lado de sua Colônia, e disse, apreensivo:

— Ângelo, chove fortemente lá na nossa Colônia. Principalmente, na Serra!

Todos ficaram ilhados, na casa do colono doente. E ali na parte alta da margem do Itajai-grande, aguardaram que o tempo amainasse. Em trinta e seis dias de chuva constante, as águas subiram 63 palmos, ou sejam, cerca de 14 metros. Em Itajai as margens quase extravasaram.

Na foz do Itajai-mirim, nervosos e impacientes, eles olhavam o rio que subia e começava a se tornar violento, aumentando seu nível. Em dois dias de chuvas contínuas, o rio, cada vez mais amarelo, barrento e encachoeirado, aumentava a sua correnteza, levando de roldão destroços de casas, cercas, árvores inteiras, arrancadas violentamente e que se destacavam toras e táboas, vacas, cavalos, porcos, cachorros, todos mortos. Tudo era levado pela correnteza, numa velocidade incrível, rumo ao mar.

Dentro da casa do seu amigo enfermo, a pouca distância da margem do rio, imobilizados pelo temporal que parecia não mais querer parar, o Dr. Blumenau e Ângelo, silenciosos e preocupados, olhavam para tudo, sem acreditar no que estavam vendo. O Dr. Blumenau que, pela vez primeira, assistia a tal espetáculo, não queria acreditar que aquele rio, tão sereno e dócil, se pudesse transformar em tão pouco tempo assim violento e destruidor. Era quase impossível crer no que estava vendo. Mas, lamentavelmente, tudo era verdade.

A fúria da tempestade não parava. E o vento, cada vez mais impetuoso, fazia tremer a casa de madeira, aonde estavam parecendo querer arrancá-la do solo e jogá-la para dentro do rio, que tudo carregava para o mar, que tudo tragava, vomitando nas praias os entulhos e os destroços.

— Quando, Ângelo, quando sairemos daqui? — perguntava o Dr. Blumenau, desesperado.

— Sei não, Dr. Só Deus que sabe.

Após três dias, a tempestade amainou. E passou de vez, dois dias depois. Quando tudo voltou à calma e o rio, pouco a pouco começava a retornar ao seu leito, Ângelo e mais três remadores, resolveram atender aos constantes e nervosos apelos do Dr. Blumenau, para levá-lo de volta à sua Colônia. Ela, que tanto dele precisava, naqueles momentos de pavor e desespero.

Aquela volta para casa foi bem diferente de todas as outras, que tantas vezes já haviam feito. Aquele rio, tão sereno, em cujas águas mansas e límpidas, se podiam ver os peixes e nas suas margens, os aguapés se acumularem floridos, estava diferente, irreconhecível. A mudança foi completa. Desde a cor das águas, que se tornou amarela, suja e barrenta sem sequer um aguapé na barranca nua e desmornada, até às árvores tombadas, mal seguras pelas suas raízes. Tudo era desolação e tristeza.

O Dr. Blumenau olhava, a tudo assistia e nada dizia. Seus

olhos estavam vermelhos e lacrimosos. E ele se preparava para o pior, quando da sua chegada na Colônia: O quadro de desolação e desespero que o esperava.

Quando se aproximavam da Colônia, ele não pôde conter as lágrimas. Baixou a cabeça e chorou. A canoa deslisou por cima de onde estavam sua casa, seu jardim e tudo o mais que ele tanto amava e onde passava os seus melhores momentos. Nem uma flor, nem as roseiras que os seus pais lhe haviam dado. Só água. Água suja e barrenta, que corria por entre as árvores, únicos salvados da enchente que tudo arrebatou impiedosamente.

A canoa parou quase perto da casa dos irmãos Mueller, construída em lugar mais elevado. Lá o Dr. Blumenau se alojou até que tudo normalizasse.

Quando viu que Reinhold não estava entre os presentes, indagou:

— E Reinhold, meu guarda-livros e o jardineiro, onde estão? Eles moravam em minha casa! Vocês não os viram?

Ninguém sabia notícias de ninguém.

Ângelo e seus colegas, vendo o desespero do Dr. Blumenau, saíram, de canoa procurando alguém que lhes desse informações. Dentro em pouco, só encontraram Reinhold, abrigado na casa de um colono.

Ele estava nervoso e muito preocupado com o tio. E quando se defrontaram, se abraçaram e choraram. E Reinhold explicou:

— O guarda-livros e o jardineiro foram a Itajaí ver suas namoradas. Você não os encontraram?

O Dr. Blumenau suspirou, aliviado:

— Não chegamos a ir até a vila, disse o Dr. Blumenau. — Assistimos a todo o temporal, ilhados, na casa dos Kellner, na embocadura do Itajaí-mirim. Só Ângelo foi à cidade, quando tudo passou, afim de apanhar seus companheiros, que deviam nos trazer de volta à Colônia.

No dia seguinte quando foram examinar o local onde morava o Dr. Blumenau, só viram um lamacal. Tudo o mais foi levado pela enchente; a casa e todos os seus pertences, dentre os quais se achavam objetos de alto valor estimativo.

Restaram apenas algumas pesadas ferramentas. E por uma dessas obras do acaso, um todo de ferro, que continha o retrato autografado do Imperador Dom Pedro II e algum dinheiro. Todos os títulos de terras se perderam.

Alguns dias depois, foi levantado um balanço geral dos prejuízos da enchente, que foram avaliados, entre 60 e 80 contos de réis.

Das plantações de milho, feijão, cana e batatas, mal restaram 4%, e dos mandiocais, cerca de 25%.

## — II —

Passados mais alguns dias, foi feita uma reunião num grande rancho poupado pela enchente, à qual compareceram todos os colo-

nos. Blumenau, bastante abalado, abriu a sessão e assim se expressou:

— O meu jardim, que era o meu recreio preferido, pois nele passava os meus melhores momentos de lazer, só existe agora na minha lembrança e na minha saudade.

Meus amigos e meus companheiros, desde o meu último regresso da Alemanha, quando trouxe a herança de meus pais, muito gastei e trabalhei. E fi-lo com imensa paciência e dedicação, no sentido de trazer a este sertão bravio e agreste, tudo o que pude obter de útil, interessante e belo, em plantas, tanto na Europa, como no Rio de Janeiro e na Ilha de Santa Catarina. E depois de muitas experiências, chegou-se, enfim, a alimentar muitas árvores frutíferas e as mais belas plantas ornamentais. . .

Auguste Mueller pediu licença para falar e explicou:

— Dr. Blumenau, quando vi que o temporal iria destruir as duas roseiras de sua mãe, e pelas quais o sr. tem tanto carinho, corri até elas, as arranquei com todo o cuidado e as pus a salvo em meu jardim.

— Obrigado, Augusto! — disse o Dr. Blumenau, visivelmente comovido com o inesperado da boa notícia. Este teu gesto fala bem alto da generosidade e nobreza do teu coração. Mais uma vez, muito obrigado, meu bom amigo!

Depois, continuou a sua explanação:

— Possuía também um grande viveiro de árvores frutíferas para distribuí-las gratuitamente a todos vocês, meus amigos. O jardim era lindo e floria maravilhosamente. E nele eu buscava alívio quando me sentia cansado, triste e deprimido. E agora, meus bons amigos, só restam devastação e tristeza.

Só peço à Divina Providência que me dê forças para poder resistir a esta dura provação. E agora, finalizando, eu lhes pergunto o que fazer, diante da situação que aí está. Quero ouvir a opinião sincera de todos vocês, para podermos agir.

— Um momento, Dr. Blumenau — ponderou Fritz Mueller. As tempestades que provocam enchentes como esta que nos atingiu, são obras dos elementos em fúria. E ocorrem em todos os recantos deste nosso planeta. Agora que conhecemos, em toda a sua extensão, os malefícios desta primeira enchente que nos atingiu, devemos nos precaver para outras que ainda hão de vir. E que nos encontrem devidamente preparados. Para tanto, devemos construir resistentes casas de materiais que suportem a fúria dos elementos. Assim, só perderemos o que plantamos, o que poderá voltar a ser feito. Nunca, porém, fugir do que é impossível fugir, pois, somos infinitamente pequenos face à grandeza e à força incomensurável da natureza que não se volta contra nós, mas segue, sim, o curso das leis que a regem. A água, às vezes destroi, — é verdade — mas é o elemento essencial à vida dos seres das plantas, de tudo, em suma.

Sou de opinião, portanto, Dr. Blumenau, que aqui devemos ficar e continuar procurando tudo refazer e recuperar. Queixas e lamentações nada resolvem.

Nenhuma voz discordante se opôs à sábia ponderação de Fritz Mueller. Todos, integralmente, o apoiaram.

O Dr. Blumenau se sentiu novamente com coragem e forças para prosseguir a sua grande luta em prol da sua Colônia! E todos se confessaram reanimados e dispostos a reencetar a luta, a fim de recuperarem o que fora destruído e perdido pela calamitosa enchente do Itajaí.

(Continua no próx. n.º)

## Revelações do Arquivo Histórico de Blumenau

(Compilado por Sueli M<sup>a</sup> Vanzuita Petry)

Registro da informação dada pela Câmara em uma petição de Bento José da Costa e outros moradores na Freguezia de Itajaí em que pedem ao Exm.º Sr. Presidente da Província três mil braças de terras em quadra no **Ribeirão Gaspar** na margem do sul do Rio Itajaí que confronta com as colônias da qual obteve despacho de S. Excia. para esta Câmara. Informar de 2 de julho de 1841 — Informação — Ilm.º e Exm.º Sr. Em virtude do despacho de V. Excia. de 2 de julho de 1841, proferido na Petição dos suplicantes José da Costa e outros esta Câmara tendo precedido às deligências da lei, houve oposição por Francisco Antonio de Souza, morador em Itajaí, a vista do que V. Excia. mandará o que for justo. Vila do Porto Belo 20 de julho de 1842 — João da Cunha Bitancourt — Bernardo Dias da Costa — Antonio de Souza Medeiros — Antônio José de Medeiros — João Corrêa Rebello.

—\*—

Registro da Informação dada pela Câmara em uma Petição de Antonio Joaquim dos Santos, morador na Freguezia do Santíssimo Sacramento do Itajaí em que pede trezentas braças de terras de frente com quinhentas de fundos nos fundos das quais possui na Colônia do Rio Grande de Itajaí, da qual obteve despacho de 26 de outubro de 1840 para esta Câmara informar.

Informação — Ilm.º e Exm.º Sr. — Em virtude do despacho de V. Excia. de 26 de outubro de 1840, proferido na Petição do suplicante Antonio Joaquim dos Santos, a vista da informação do Administrador das Colônias, V. Exa. mandará o que achar justo. Vila de Porto Belo 20 de julho de 1842. João da Cunha Bitancourt — Bernardo Dias da Costa — Antonio de Souza Medeiros — Antonio José de Medeiros — João Corrêa Rebello.

## Os primeiros anos da “Santa Casa”

Fundada em 1902, a “Santa Casa” iria nascer na maior pobreza. Recolhia os idosos, catequisava órfãos, medicava os adoentados, sempre voltada à caridade e fraternidade. É interessante observar que as crônicas falam, apesar de tudo, em abundância. Faltavam mantimentos; então todos oravam à Virgem Maria e passavam a aguardar os resultados, diz a crônica. Logo depois, um colono enviava uma carroça cheia de alimentos de que necessitavam. Havia um amparo muito grande devotado à Virgem, tanto que a Valata passou a ser chamada por isso de “Vale dos Milagres”.

Nos seus primeiros anos, a “Santa Casa de Misericórdia” não recebeu recursos oficiais. Tinha-se pouco, fazia-se pouco, contentava-se com este pouco. Mas nunca faltou a dedicação das Irmãs que reali-



Valata Azambuja em 1936: Hospital, Asilo e isolamento.

zavam pequenas cirurgias externas, sem qualquer anestesia. Não havia médico e os remédios, a maioria, eram ervas. A fé do doente, a atenção das Irmãs dando tratamento higiênico, boa alimentação e conforto espiritual quase sempre resultava em sucesso. Prova disso são os dados estatísticos, sendo muito baixo o número de falecidos aí.

O bom relacionamento do Pe. Eising, Vigário da Paróquia São Luís de Gonzaga, em agosto de 1904, a aprovar a concessão de um auxílio monetário ao Hospital. Por causa destes auxílios, a Intendência tentou interferir na Valata Azambuja por várias ocasiões e a julgar pelos fatos de 1925, que as obras pertencessem a administração municipal. A “Santa Casa contava, então com casa de 35 m de comprimento por 12 de largura, atendendo 234 doentes durante o ano de 1905.

Dois anos depois, junho de 1907, é colocada a pedra fundamen-

tal do novo Hospital, obra de vulto que Pe. Gabriel Lux SCJ iniciou, contando com minguadas quantias das esmolas à Virgem Maria e das "listas de auxílio" que passavam de casa em casa de Brusque, Nova Trento, Itajaí e redondezas. Da obra, orçada na época em . . . . . Rs 45:000\$000 apenas se concluiu, em 1911, dois terços do projeto total, dentro das melhores condições hospitalares.

O jornal "Novidades", de Itajaí (1), descrevia assim o hospital: "É a seguinte a divisão interna do hospital: no pavimento térreo: sala de recepção, consultório e sala para operações, farmácias e diversos quartos reservados; e, no pavimento superior: enfermarias, dormitórios, etc. No subterrâneo ficarão a cozinha, depósito e cômodos para lavagem de roupa. Cada pavimento terá seus banheiros e latrinas, e ascensores que servirão para o transporte da comida diretamente da cozinha".

A outra parte do projeto foi concluída, dentro dos padrões originais do Pe. Lux, entre 1929-30 para dar espaço à convivência do Seminário Episcopal e Hospital. O Hospital teve novo edifício em 1936, uma obra que teve muitas doações do Cônsul Renaux e sua família. Sua contribuição foi decisiva a ponto da "ata inaugural do Hospital" estar retida ainda hoje nos arquivos da Biblioteca da Fábrica Renaux.

Anos depois, 1947, houve novo acréscimo para ampliar as atividades do Seminário, que seria então demolido por ocasião da construção do novo Seminário. Hoje o prédio abriga o Museu Arquidiocesano D. Joaquim. O museu nasceu em 1933 de uma coleção de numismática e entregue ao Seminário em contra-dívida da Família Brandão, de Itajaí. A coleção foi ampliada pelo cientista Pe. Raulino Reitz, coletando peças raras de todo o território catarinense, durante a época em que foi professor.

---

NOTA: (1) "Novidades", n.º 231 - Itajaí, 01.11.1908

Prof. Aloisius Carlos Lauth

---

## A História de Blumenau revela:

O PROBLEMA DA CONSTRUÇÃO DE CEMITÉRIO PARA CATÓLICOS PROVOCA POLÊMICA ENTRE O PADRE GATTONE E O DIRETOR — CATÓLICOS SEPULTADOS NO CEMITÉRIO EVANGÉLICO — EXENSA CARTA DO DR. BLUMENAU AO PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DANDO EXPLICAÇÕES (transcrito dos documentos existentes nos arquivos da Baixa Saxônia por José Gonçalves)

"Ilmo. e Exmo. Snr.

O Revdmo. Padre Gattone, vigário da Paróquia de São Pedro Apóstolo, neste rio Itajaí-açu, dirigiu, no dia 10 do mês próximo passado, uma carta ao guarda-livros e então diretor interino desta Colônia, em que em termos muito inconvenientes, lhes criticava o fato de, não ter logo afixado um edital dele, padre, que se referia ao apronta-

mento do cemitério católico na povoação desta colônia e concluiu em dizer-lhe que imediatamente havia de referir o mesmo fato a V<sup>a</sup> Excia.

Conquanto que seja de mínima insignificância e que, só quem tem pouco que fazer e abundante vagar dele podia fazer caso tanto, para se esquecer das regras de que, (uma frase em latim, ilegível) vejo-me na desagradável necessidade de cansar a paciência de V<sup>a</sup> Excia. com a narração de que se de à respeito do dito cemitério, afim de que V<sup>a</sup> Excia. não acredite no que o sr. Wendenburg, meu substituto durante minha ausência nem eu, não esquecemos das ordens de V<sup>a</sup> Excia. e das conveniências do serviço, ou ainda das regras da boa educação para com o Snr. Gattone.

Já faz mais de cinco anos, sendo ainda empreendedor particular eu reservei e designei para as necessidades e conveniências do culto católico tanto nesta povoação como na localidade de Gaspar em que hoje se estabelece a nova freguezia, um lugar para igreja, um dito para cemitério e um pequeno lote de terra suficiente para chão de casa, pomar, etc. do padre — na mesma maneira como o fiz para o culto evangélico. Entendo que as localidades em questão não são mal escolhidas, satisfazendo os cemitérios, além dos mais requisitos, às exigências da hygiene pública, os lugares da Igreja e até de um belo agreste e de agradável perspectiva, achando-se os lotes dos padres ao pé de ambos. Estou certo de que, se Va. Excia. honrar esta Colônia de uma visita, há de aprovar a minha escolha, tanto mais quanto realmente não foi possível e não há outras melhores localidades.

A requisição, à respeito do cemitério, que à Presidência fez o Snr. Gattone, foi mais um zelo muito gratuito e dispensável, porque já existia o que ele pedia.

Não se fizeram, porém, os trabalhos para o apronto do cemitério católico nesta povoação, porque não existia consignaço para tal fim, nem urgente necessidade e eu esperava aprontá-lo às minhas expensas, arrendando a respectiva área por dois ou três anos, com a condição de que fique devastada a mata, plantada e cultivada a terra e com isso se economizava quase toda a despesa e, após ter sido retirada a maior parte das raízes, sua preparação para o cemitério também se tornava muito mais barata.

Tendo sido e sendo ainda hoje o número de católicos nesta colônia muito diminuto, sobretudo nas vizinhanças da povoação, eles enterraram os seus defuntos no cemitério dos evangélicos, sem que estes ou aqueles fizessem a mínima objeção no pedirem separação, segundo as crenças. Solicitando-me logo o Snr. Padre Gattone, um espaço separado no dito cemitério para aqueles, com o fim de vagá-lo segundo o seu dito, também a este pedido se prestaram o pastor e os anciões da comunhão evangélica, esperando logo pela chegada do mesmo padre. Este, porém, até agora, não apareceu, mas fez a Va. Excia. a requisição acima citada.

Va. Excia. vê, pois, que, da parte de mim ou dos evangélicos, não havia falta de atenção ou complacência para com os nossos irmãos católicos, nem para com o Snr. Gattone. A requisição que este fez a

Va. Excia., só teria tido sentido, se ele pedisse autorização de Va. Excia. para esta direção e consignação das indispensáveis quantias para desde logo pôr pronto o dito cemitério.

Uma parte dos respectivos preparativos já está feita, mas a maior e mais dispendiosa parte dos trabalhos está ainda a fazer, devendo-se desenterrar as cepas, extrair todas as raízes, queimar ou remover toda esta madeira, como também as toras. Para este fim, hei de pedir, no meu atual orçamento das despesas desta Colônia, a indispensável quantia, porque me parece impossível que os católicos recém-chegados e quase todos muito indigentes, vão gratuitamente executar tal trabalho.

Quanto enfim ao fato de que o meu substituto não afixou logo o edital do Snr. Gattone, aquele esperava de um para outro dia a chegada deste, que, por diferentes vezes se fez comunicar para melhor entender-se com ele sobre um trecho equivoco ou ambiguo, contido naquele edital. Este equivoco convicto com que o Snr. Gattone convidava aos católicos da Colônia para exigir uma área no cemitério, depois de ele ficar alimpado, nem explicava quem tenha de fazer ou pagar tal alimpamento. O Snr. Gattone, porém, em vez de cumprir com a sua visita repetidamente prometida e aceder ao convite do sr. Wendenburg, escrito em termos obsequiosos e polidos, incriminava a este, dando, precipitadamente, como, infelizmente já por diferentes vezes fez, vão a alheios **palavrórios** e mexericos, com uma carta, como um homem sisudo e de educação não deve escrever, e da ameaça de querer denunciar seu proceder a Va. Excia.

O edital em questão se acha agora afixado, desde umas três semanas, mas sem efeito algum como se podia prever e eu participei ao Snr. Gattone. A esteril atividade com requisições, officios e editais, em tal caso, não basta, mas precisa-se, para este fim, de muitos esforços, para persuadir à gente a um trabalho gratuito e reuni-la. E no presente caso, tais esforços, de resto, terão muito maior efeito, se emanam de sacerdote do que se o Diretor deve a si tomar tal negócio. Com um simples edital, porém, não é feita coisa alguma e em lugar da sua pena, o sr. Gattone devia ter movido as pernas para visitar os respectivos colonos, persuadi-los e reuni-los para uma certa determinada época.

Convidei, pois, o sr. Gattone para este fim, sem que contudo recebesse resposta afirmativa, mas entendo que na indigência em que os colonos interessados ainda se acham, lhes é quase impossível satisfazer a tal pedido, e que não só este cemitério como mais alguns em outras localidades deverão ser estabelecidos às custas do Governo, afim de que os colonos que moram mais distantes, não fiquem constrangidos pela absoluta necessidade física de enterrar os defuntos nos seus lotes de terra como infelizmente e repetidamente foi indispensável.

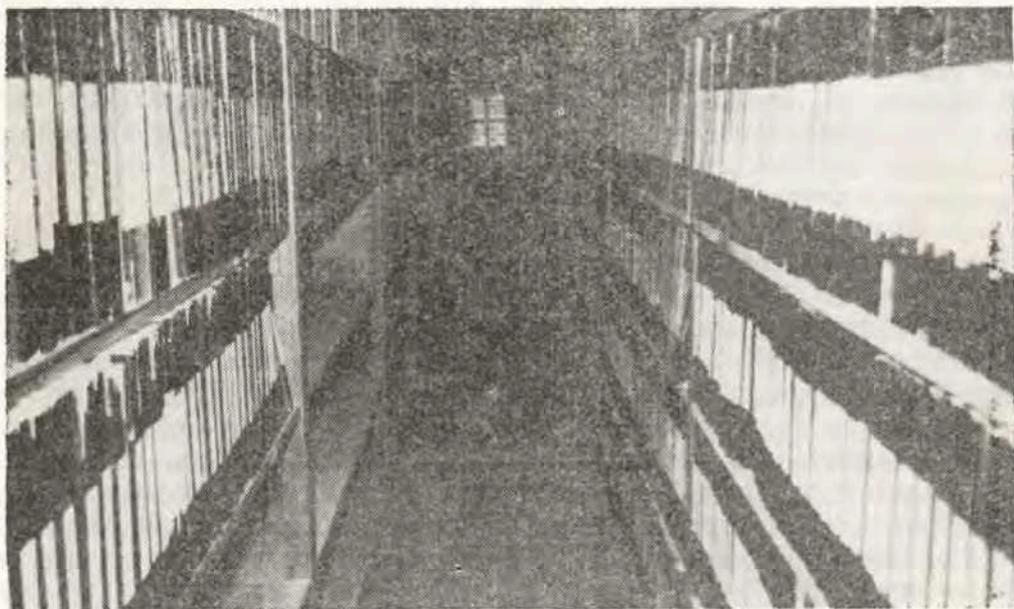
Deus guarde a Va. Excia. — Colônia Blumenau, 16 de março de 1862. — Ilmo. e Exmo. Snr. Conselheiro Vicente Pires da Motta, Digníssimo Presidente da Província. — Assinado — Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, Diretor”.

## *Fundação Casa Dr. Blumenau recebe verba para microfilmagem*

Telegrama endereçado à Fundação Casa Dr. Blumenau pela coordenadora geral do Plano Nacional de Microfilmagem de Periódicos Brasileiros Esther Caldas Bertoletti, solicitou a presença do Prefeito Renato Vianna no Rio de Janeiro para assinatura do convênio que dá à Fundação 300 mil cruzeiros para aplicação no projeto.

A verba conseguida junto ao Ministério da Educação e Cultura deverá ser utilizada na microfilmagem do acervo de jornais locais arquivados na Casa Dr. Blumenau.

De acordo com o presidente do Conselho Curador da Fundação "Casa Dr. Blumenau", João Carlos von Hohendorff, "a coleção de jornais antigos é um patrimônio de alto valor histórico, principalmen-



**Os jornais arquivados na Fundação serão microfilmados com o auxílio do MEC.**

te por servir de fonte de pesquisa, já que estão arquivados exemplares do século passado ainda escritos em idioma alemão". Com a microfilmagem, explicou, "a Fundação, além de ganhar espaço físico, oferecerá maiores facilidades para os trabalhos de pesquisa e consulta por parte de estudantes e interessados em geral, ao mesmo tempo em que se resguarda de algum eventual sinistro que pudesse, no futuro, destruir este importante acervo".

## “Comunidades protestantes alemães no Brasil”

Sob este título o Dr. Hermann Blumenau publicou na revista alemã: “ZEITSCHRIFT DER GESELLSCHAFT FÜR ERDKUNDE” (Revista da Sociedade para Geografia), Tomo I, 1866, páginas 256/257, um artigo, que, traduzido para o vernáculo pelo nosso assíduo colaborador, Sr. Frederico Kilian, “BLUMENAU EM CADERNOS” publica neste número, por considerá-lo de interesse aos nossos leitores e principalmente aos afeccionados dos dados históricos sobre os primórdios da colonização alemã no Brasil. Eis a versão do artigo em português:

### “Comunidades protestantes alemães no Brasil”.

— Torna-se difícil, dar dados exatos, especialmente sobre o número de pessoas protestantes nas diversas colônias e sobre a nomeação ou colocação fixa, ou permanência constante de pastores. Neste ponto existem, quase que constantes oscilações; a população cresce, formam-se novas comunidades com a admissão ou vinda de um pastor, ou ocorrem extinção das mesmas temporariamente, pela saída ou morte do mesmo, até que aparece um novo pastor para assumir o cargo vago. Entre estes, infelizmente, existem às vezes homens que não possuem formação teológica e mesmo outros que não gozam de boa reputação. Assim, por exemplo tem ocorrido na Província do Rio Grande do Sul; também na Colônia Dona Francisca, certa vez um antigo professor e ex-jardineiro, formou uma comunidade sua (Nota do tradutor: os jardineiros na Alemanha eram acadêmicos formados).

É de se desejar muito, que a Igreja Evangélica não se esqueça dos seus filhos na América do Sul e que não os deixe ao abandono, pois entre os mesmos nota-se uma grande indolência. Pregadores zelosos e dotados de uma conveniente dose de experiência mundana e sabedoria pastoral, ainda encontram um vasto campo para a sua missão. A formação de uma comunidade, porém, ainda encontra muitos obstáculos. Entre estes, a falta de abnegação de muitos colonos, não é dos menores. Querem ter igreja, escola, pastor, professores, etc., mas, contribuir, muito pouco ou mesmo nada, para a sua manutenção. — É triste ter-se que dizer que os católicos alemães contribuem muito mais para as suas obras e necessidades eclesiásticas, do que os evangélicos.

**PROVÍNCIA DO ESPÍRITO SANTO:** **Santa Isabel** quasi sempre tinha um pastor pago pelo governo, o qual também atendia a comunidade **Santa Leopoldina**. — **Rio Novo** fica próximo à divisa com o Rio de Janeiro.

**RIO DE JANEIRO:** Na capital o cargo de pastor raramente está vago; atualmente ocupa-o o Pastor Wagner. Nesta comunidade, infelizmente, a algum tempo atrás, existiam violentas desavenças e cismas.

A **Colônia Pedro Segundo**, perto de Juiz de Fora, às margens do Rio Parahyba, tanto quanto eu sei, possui novamente um pastor ou

é atendida pela comunidade de **Petrópolis**. Se aqui em Petrópolis existe agora um pastor, eu no sei. As Colônias-arrendatárias: **Independência, Santa Rosa e Santa Justa**, tanto quanto eu sei, não são comunidades formadas. — Se em **Nova Friburgo** existe agora um pastor contratado, não sei dizer. O Pastor Sauerbrunn, faleceu há alguns anos, em avançada idade. Em SÃO PAULO tanto quanto sei, o Pastor Hölzel formou uma comunidade.

**SANTA CATARINA: Colônia Dona Francisca**. Lá devem existir atualmente cerca de 3.3500 protestantes. O Pastor Stapel voltou o ano passado para Holstein (Alemanha). Desconheço si o cargo foi preenchido novamente em definitivo. Além do Pastor Stapel, existiam lá tanto quanto é do meu conhecimento, mais dois missionários vindos da Basiléia e o professor e jardineiro acima já referido.

**Colônia Blumenau**. No Itajaí-Açú, cerca de 2.200 evangélicos; Pastor Hesse, antigamente em Posen (Alem.). Colônia Itajaí (ou Brusque) 4-500 (?) evangélicos; Pastor Sandretzky, um teólogo solidamente formado em Basiléia.

NA PROVÍNCIA DO PARANÁ, existe a velha colônia **Rio Negro**, cujos habitantes eram protestantes, mas foram abandonados há anos e entregue a seus próprios destinos. Além disso a nova **Colônia Assanguy**, que ainda é pequena e parece ainda não constituir uma comunidade própria.

Com excessão da **Colônia Dona Francisca**, os pastores nas Províncias de Espírito Santo e Santa Catarina, são remunerados pelo Governo. Si eu não me engano, também o de Pedro Segundo e ultimamente o na Colônia em Cananéia.

Dr. Blumenau.

---

## Movimento na Biblioteca Dr. Fritz Mueller

Comparado com o mês de julho aumentou consideravelmente o movimento na Biblioteca Fritz Mueller, órgão vinculado à Fundação Casa Dr. Blumenau. Dos 2.686 volumes emprestados em julho (incluindo o movimento da Biblioteca Ambulante) subiu para 4.335 os empréstimos no mês de agosto, quase cem por cento mais. O fenômeno é justificado pelo reinício das aulas em agosto.

O número de consulentes inscritos em agosto (incluindo as renovações) foi de 245 contra os 231 de julho. O acervo geral, somados os 261 novos exemplares adquiridos e doados subiu para 66.481 exemplares.

Os livros mais procurados em agosto foram "Uma Mulher Dedicada" de Helen von Slyke; "Luar Sobre as Estepes" de Heinz G. Konsalik; "A Ira dos Anjos" de Sidney Sheldon; e "Viver é Amar" de J. M. Simel.

Os leitores mais assíduos foram Eladir Silveira Bicalho, Edson Passold e Cláudio Roberto Reis.

# *Doação de documentos e fotos históricas feita ao nosso arquivo*

O Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva", pertencente à Fundação "Casa Dr. Blumenau", vem sendo enriquecido, hoje, com mais freqüência, com as doações de fotografias e documentos diversos que estão sendo entregues por blumenauenses que começam a compreender o valor desta doação, uma vez que, aqui catalogados e cuidados com muito carinho, tais fotos e documentos tem possibilidade de atravessar dezenas de anos sem perder nada de seu conteúdo, possibilitando, com isso, aos que, no futuro necessitarem pesquisar, uma riquíssima fonte de pesquisas sobre a evolução histórica não só de Blumenau como de todo o Vale do Itajaí.

Um dos exemplos, temos na iniciativa da direção da TV-Coligadas — TV-Catarinense, que, num gesto dos mais nobres e objetivos, indo ao encontro das aspirações e mesmo das razões mais fundamentais que justificam a existência do Arquivo Histórico de Blumenau, foi feita a doação de milhares de filmes, de 16 milímetros, que encerram, no seu conteúdo, fatos históricos ocorridos durante toda a década de 1970, isto é, desde que iniciou suas atividades a TV-Coligadas. Estes filmes documentários, já classificados de modo muito prático, serão catalogados no nosso sistema, registrados num livro-tombo, permanecendo, finalmente, em estantes especiais, à disposição de pesquisadores e muito especialmente da própria emissora doadora para montagens que pretenda fazer no futuro, com reminiscência do passado.

Por sua vez, a Sra. Elsa Boaventura, residente à rua Adolfo José dos Santos, em Itoupava Seca, fez uma doação que consideramos também da maior importância para a preservação de fatos históricos catarinenses, envolvendo muitos municípios, inclusive Blumenau. Trata-se do "Album de Santa Catarina, editado em 1908 por Carlos Reis e de grande valor histórico, trazendo dados oficiais do desenvolvimento de cada comunidade de época, seus governantes, as personalidades mais destacadas do Estado no princípio do século, etc., Doou ainda um livro "O Vale do Itajaí", editado pelo Governo do Estado em 1950, por ocasião dos festejos do centenário de fundação de Blumenau.

Finalmente, após o falecimento do sr. Gustavo Stamm, figura que muito destaque alcançou em Blumenau pela sua atividade pública e como colaborador na preservação histórica de Blumenau, tendo exercido altas funções na direção administrativa da CELESC, seu acervo histórico representado por livros e centenas de fotografias, acabam de ser entregues à Fundação "Casa Dr. Blumenau", por sua família, atendendo inclusive o desejo do próprio falecido.

Assim, a partir de agora, o Arquivo Histórico de Blumenau acha-se ainda mais enriquecido com as belas e bem conservadas fotografias que o Sr. Gustavo Stamm possuía, relativas às enchentes de 1911, 1927, 1948 e outras, além de uma importante sequência do desenvolvimento da antiga Empresa Força e Luz Sta. Catarina, hoje CELESC.

Por tudo isso que registramos com prazer nesta edição de "Blumenau em Cadernos", esperamos que outros blumenauenses que possuam fotos e documentos históricos em seu poder, sigam os exemplos apontados neste registro, fazendo, do Arquivo Histórico de Blumenau, o depositário de Blumenau, o depositário de seus documentos e fotos históricas, não sendo necessário doar, se não o desejarem. Basta que nos confiem tais documentos e os guardaremos com zelo e carinho, os quais, no entanto, continuarão pertencendo aos doadores. Este exemplo, podemos dar no gesto da família de Eduardo de Lima e Silva Hearn, a qual, num gesto também de compreensão, fez entrega de grande quantidade de fotos daquele saudoso pacificador de índios, versando sobre o andamento dos trabalhos de pacificação, sua história enfim. Tais documentos fotográficos continuarão pertencendo à família de Eduardo Todavia, a Fundação, "Casa Dr. Blumenau", através do Arquivo Histórico", será a depositária e guardiã.

# Curiosidades de uma época - VI

## O CONSTRUTOR DE IGREJAS

S. C. Wahle

Na década dos 20s, havia em Blumenau um padre franciscano de nome Frei Gabriel Zimmer, cuja incumbência era construir igrejas. Entre outras, construiu a catedral de Lages e reformou a antiga igreja matriz, dando-lhe forma de cruz com o acréscimo de duas naves laterais, bem como reformou a torre, dando-lhe um jogo de novos sinos sincronizados, com um relógio elétrico. Da mesma forma, construiu uma capela, que mais se assemelhava a um campanário, no Rio do Testo, do outro lado das fábricas têxteis Karsten. Naquela época, o Sr. João Karsten, um dos proprietários das fábricas Karsten, que era um protestante luterano, fora procurado pelo Frei Gabriel com o intuito de obter uma ajuda para a sua obra católica. O Sr. Karsten, que falava pouco mas era dotado de um humor sadio, informou que já estava comprometido com a igreja protestante luterana, também em construção. O Frei Gabriel era muito benquisto, não só pelos católicos, como também pelos protestantes, pelo seu gênio alegre e aberto. Após um diálogo prolongado, e não tendo mais argumentos normais, deu um daqueles clássicos sorrisos e disse: "Olha aqui, Sr. Karsten, o senhor sempre foi meu grande amigo e a única coisa que lhe posso oferecer em troca de sua contribuição é uma cadeira no céu", ao que o Sr. Karsten replicou: "Se fôr para obter uma cadeira no céu, não posso deixar de lhe ajudar".

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

**banespa**

Um dos colaboradores nas edições desta revista

# FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

## São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

## A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *João Carlos von Hohendorf* - advogado; vice-presidente — *Rolf Ehlke* - Industrial.

Membros: *Elimar Baumgarten*, advogado; *Honorato Tomelim*, jornalista; *Ingo Fischer*, advogado, secretário da Educação e Cultura do município; *Altair Carlos Pimpão*, jornalista; professor *Antônio Boing Neto*; *Arno Letzow*, comerciante; *Beno Frederico Weiers*, advogado; *Heinz Hartmann*, repres. comercial; *Prof. Olívo Pedron*.

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

20 milhões de pessoas carregam a Hering nas costas.



Nas costas, na cintura, na lateral. É só examinar um brasileiro por dentro que você descobre uma etiqueta Hering.

Quem é que não gosta de usar uma malha de algodão macia, suave e confortável?

No trabalho, no esporte ou no lazer, qualquer tempo é tempo de camisetas, cuecas, pijamas e camisolas Hering.

Mas não é só no Brasil que a etiqueta dos dois peixinhos virou moda: ela também pode ser encontrada nas costas alemãs, canadenses, finlandesas, americanas, suecas e holandesas.

Afinal, quem fabrica 16 milhões de peças por mês não podia deixar tudo nas costas dos brasileiros.

Cia. Hering

BLUMENAU - SANTA CATARINA

